

Para onde vão os gatos quando morrem?

Uma parábola bíblica

Luís Cardoso

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Prefácio

Frei Bento Domingues, O.P.

Não fui muito sensato ao aceitar escrever um prefácio para o romance do escritor timorense Luís Cardoso. Nas diversas leituras que a obra me exigiu, tive sempre a impressão de um labirinto em cada camada descoberta e de esconderijos nas narrativas que pareciam mais óbvias. É verdade que a transparência é sempre ilusória e a sua busca confunde utopia com miopia.

Ao aceitar escrever o prefácio, não sabia bem no que me ia meter. As referências históricas não me podiam salvar. História e literatura não se odeiam, mas também não se confundem. Como foi repetido, desde Aristóteles, a história refere-se ao que aconteceu, na sua realidade documentada, e a literatura, ao que poderia e pode ser. A história estuda o mundo feito, a literatura constrói ficções, mundos sempre mais reais do que os da realidade empírica.

O conhecimento que a criação literária suscita não resulta da reprodução do que aconteceu ou acontece, mas de ruturas criadoras. A sua linguagem não vive de preocupações referenciais porque todas as referências são transfiguradas em metáforas, símbolos e parábolas do que sempre está, ocultamente, a germinar e a acontecer. A literatura, como todas as artes, não é mentira. As suas distorções são construtivas de uma nova realidade porque nascem, nelas, mundos da profundidade de outro real, não um reforço da irrealidade. A grande escrita literária pertence à linguagem do inabarcável, do que falta, do inacabado, do desejo. Só nos encontramos

dentro de uma construção literária quando ela tem um não-sei-quê que abala os lugares comuns, as verdades feitas.

«Sete dias» não foram suficientes para a criação do mundo de Luís Cardoso. Para o fazer em sete dias, precisava de todas as «horas extraordinárias» de Deus, que não sabe trabalhar sozinho. Miguel Torga não chegou aos sete e Luís Cardoso só descansou no vigésimo dia, para não deixar ninguém descansado com o mundo que temos».

Ao chamar-lhe «parábola bíblica», Luís Cardoso situou o seu romance numa extraordinária biblioteca de criações contínuas. A biblioteca bíblica – Antigo e Novo Testamento – é a escrita da grande epopeia da humanidade. A cultura ocidental é incompreensível sem Atenas e Jerusalém e suas metamorfoses. Como diz Frederico Lourenço, «os escritos dos Evangelhos, num grego desprezioso, conquistaram o mundo antigo, tanto grego como romano. São textos que – com a sua mensagem sublime veiculada por palavras cuja beleza desarmante ainda deixa arrepiado quem os leu e releu ao longo de uma vida inteira – estão simplesmente numa categoria à parte».

Da Bíblia hebraica nasceu a Bíblia grega. Da hebraica e da grega nasceu a latina; da hebraica, da grega e latina – e não só – nasceram traduções em quase todas as línguas das mais diversas culturas.

Segundo as concepções bíblicas, *a criação* é sobretudo organização da luta contra o caos e a fatalidade, abrindo sempre tempos inéditos à liberdade, tornando possível a criatividade em toda a sorte de acontecimentos, bons e maus, no horizonte enevoado de novos céus e nova terra onde reine a justiça, sempre ameaçada.

No «primeiro dia» deste romance, ao chegar à ilha, Ernesto confessa que parte da sua vida já estava prevista e a outra «fui

fazendo por vontade própria. Entre enganos, dúvidas e incertezas. Por não saber o que da vida se podia esperar».

Seu pai era chefe de posto, por mérito ou castigo, numa ilha de desterrados: de portugueses que se opuseram ao regime de Salazar, de timorenses acusados de terem colaborado com japoneses durante a ocupação, indonésios que fizeram da ilha um campo de concentração para os nacionalistas. Era o símbolo de um novo caos, de uma desciação, mas na qual, apesar de tudo, não morrera toda a esperança. Ernesto, guardado sempre por Silêncio – o personagem omnipresente em todo o romance –, recebe uma ordem do pai: amanhã, logo pela manhã, devia ir ao mar esperar uma pessoa.

É do mar e desta espera que nascem e morrem todos os dias da viagem. Nunca chega quem se espera e quem chega cria expectativas que acabam por trazer novas ilusões. O próprio recurso à Arca de Noé transforma-se num lugar de perdição, uma mistura de negócios chineses, banais e sórdidos, dominados pelo dinheiro.

Da fuga misteriosa para Bali, daí para a Universidade de S. Tomás de Aquino de Manila, chega a Paris e, ali para os lados da Glacière, à Sorbonne, ao Saulchoir e sua biblioteca. Encontra-se com os dominicanos, que cumprem, em 2016, oitocentos anos da fundação da Ordem dos Pregadores, a primeira Ordem que casou, institucionalmente, vida religiosa e estudo e que foram os primeiros a chegar a Timor, há mais de quatrocentos anos.

Ernesto encontrou, em Paris, a nascente cultural de Tomás de Aquino, o nome que tinham dado, em Timor, ao seu pai em honra do grande dominicano. Este tinha construído o mais famoso roteiro da Cristandade para viagens teológicas. Adotou, na construção da *Summa Theologiae*, o esquema neoplatónico de *exitus et reditus*: tudo brota de Deus misterioso, mas só regressa a Deus com muitas *horas extraordinárias* pela livre criação humana na busca da felicidade. Como Moisés, não

consegue acabar o seu roteiro de viagem e, desconsolado com o produto, a Deus regressa.

Na primeira parte da sua construção, além da epistemologia que elaborou e da afirmação de Deus pela fé e pela razão, não procurou saber como Deus era e como criou o mundo e o ser humano, sua coroa, *mas sobretudo como Deus não era*. A *teologia negativa* era Silêncio, que o acompanhava para não cair na idolatria. Tudo o que atribuímos a Deus vive nos limites da linguagem humana. Esta, em tudo o que afirma, tem de saber que é uma *docta ignorantia*. Não tem conceitos para meter lá dentro Deus e a sua obra, criação contínua. A linguagem parabólica foi a preferida de Jesus, e a linguagem simbólica, a das boas pontes entre o conhecido e o desconhecido, é a única que não se engana por confessar a sua permanente inadequação.

Na segunda parte, Tomás de Aquino considera que chegou a vez de o ser humano se tornar imagem de Deus, criando o seu mundo, tornando-o humano pela criatividade dos atos humanos, terra da graça divina.

Na terceira parte, o ser humano caminha na maior realidade humana e divina, Jesus Cristo. Os sacramentos são os gestos simbólicos de que Jesus Cristo continua presente em todos os tempos e lugares até ao regresso definitivo ao Deus que nunca o deixou abandonado na sua viagem.

É estranho. Tomás de Aquino morreu antes de completar a viagem da sua obra e, durante a sua última experiência mística, não achou que tivesse feito grande coisa. Na sua experiência mística, viu de forma espantosa a inadequação da linguagem teológica. Sabia-lhe a palha seca. Uma coisa é saber, outra é experienciar.

No Saulchoir e na sua espantosa biblioteca, no século xx, J. P. Jossua começou uma nova e interminável viagem, a construção do que ele chama a *théologie littéraire*, na qual o romance de Luís Cardoso terá um lugar de destaque.

*

O romance de Luís Cardoso é escrito como uma parábola bíblica. Acompanha-o *A Criação do Mundo*, de Miguel Torga, outra parábola bíblica quase laicizada.

Como já referi, a parábola da criação em Miguel Torga não tinha dia para descansar. Constava só de seis dias. A parábola de Luís Cardoso não cabe nem em sete nem em catorze. Com vinte dias, Deus e o ser humano, à sua imagem e semelhança, terão de continuar a fazer *horas extraordinárias* porque tudo continua inacabado e tem de ser feito e refeito ainda mais vezes do que a história de Timor. Não existe Arca de Noé que possa salvar a humanidade.

A viagem de Ernesto, para cumprir o desejo irrealizado de seu pai, Tomás de Aquino, não começou nem terminou em Paris. Tinha de seguir até Trás-os-Montes, terra mítica do seu avô, que ninguém conhecia. Partiu e regressou a Timor.

Nesta viagem, Luís Cardoso construiu, em português, uma nova literatura de vários mundos e de várias religiões, sabendo que «Deus é muito melhor do que tudo aquilo que os homens leram a Seu respeito, de olhos abertos *loke-matan* ou de olhos fechados *taka-matan*».

Para onde vão os gatos quando morrem?

Primeiro dia

¹ Muitos dos acontecimentos que foram determinantes na minha vida anteciparam-se aos meus atos. Por várias vezes, não me restava alternativa senão render-me à evidência dos factos. Parte de mim já estava prevista. A outra fui fazendo por vontade própria. Entre enganos, dúvidas e incertezas. Por não saber o que da vida se podia esperar.

² Acabei de chegar à ilha onde vivi durante a minha infância, depois de ter sido forçado a ausentar-me de Timor por um motivo relacionado com um facto importante na minha vida. O meu pai foi colocado nesta fração de terra como chefe de posto. Tive dúvidas se foi por mérito ou por castigo. Era para esta ilha que muitos dos desterrados eram mandados.

³ Primeiro, foram os portugueses que se opuseram ao regime de Salazar. Depois, os timorenses acusados de terem colaborado com os japoneses durante a ocupação. Mais tarde, os indonésios fizeram desta ilha um campo de concentração para os nacionalistas. Alguns acabaram aqui os seus dias, à espera de uma ajuda que tardou.

⁴ Foi como se tivesse acontecido na noite passada. Depois do jantar dirigi-me ao quarto para me deitar. Quando estava a fazer a minha oração, de joelhos, em frente ao pequeno oratório que abrigava uma pagela do Sagrado Coração de Jesus, o meu pai entrou no meu quarto e obrigou-me a levantar do chão. Recomendou-me que não me esquecesse de que no dia seguinte, logo pela manhã, devia ir ao mar, esperar por uma pessoa.

⁵ Nem lhe perguntei quem era. Acatei como se fosse uma ordem. Como chefe de posto estava habituado a mandar e não tolerava reclamações. Também o fazia em casa. O meu núcleo familiar era constituído por três pessoas. O meu pai, eu e a desaparecida. Só quando me deitei na cama me lembrei de que a pessoa por quem eu devia ir esperar era a prometida. Aquela que havia de vir tomar conta de mim.

⁶ Deram-me o nome de Ernesto. Herdei o apelido Aquino do meu pai, Tomás, filho do padre Bartolomeu das Neves, um missionário que era natural de Freixo de Espada à Cinta, uma localidade de Trás-os-Montes, lá nos confins de Portugal. Foi morto nas campanhas de punição contra os rebeldes, durante a ocupação japonesa. Prontificou-se para essa missão.

⁷ Mandou-se para o meio dos sublevados, oferecendo-se como escudo. Achava que por ser um homem consagrado, seria também intocável, na esperança de que os gentios tivessem respeito pela batina branca, a vestimenta que o identificava como *nai-lulik*. Entrou de peito aberto e a atizar a ira dos rebeldes: «*Vade retro Satana!*»

⁸ O *liurai* de Mindelo apanhou um valente susto no dia em que a mulher deu à luz um rapaz branco, como o hóspede que costumavam receber em sua casa e em nome de Nai-Maromak. Ainda colocou a hipótese de ser uma bênção divina e, por ser branco, a reencarnação de um antepassado. O tempo acabou por revelar a verdade. O recém-nascido, de tanto ser parecido com o hóspede, só podia ser seu filho.

⁹ Com a derrota do *liurai*, preso e desterrado num calabouço da ponta leste da ilha, o *malae bo'ot* teve em consideração o feito heroico do missionário e decidiu tomar a seu cuidado a tutela do órfão. Aceitou-o como se fosse o seu próprio filho, facto que levantou sérias dúvidas sobre quem teria sido na verdade o responsável pela vinda do meu pai ao mundo.

¹⁰ Tomás de Aquino nunca teve dúvidas. A lenda que se contava acerca do seu pai, o heroico missionário que enfrentou os rebeldes de peito aberto, era tão verídica como aquela

que teciam sobre o régulo D. Aleixo Corte-Real, que morreu embrulhado no estandarte nacional.

¹¹ O meu pai estudou nos melhores colégios e no liceu, onde chegou a ser o chefe de quina da Mocidade Portuguesa. Fundou o grupo musical Os Invulgares, tendo transposto para tétum uma canção estrangeira a que deu o título «Hau hakarak utu ida», que se tornou um ícone ao som do qual todos os enamorados dançavam nos bailes de *kore-metan*.

¹² Foi chamado para a tropa, para a cavalaria. Viajou de terra em terra com a sua canção em caravana artística. Quando largou a vida militar andou de repartição em repartição à procura de um posto certo. Chefe de posto foi o corolário dessa demanda. Assentou numa carreira que lhe prometia a estabilidade, quando se deu conta de que já estava na idade crítica.

¹³ Aos dez anos, não me lembrava de nada relacionado com a minha mãe. Nem sequer de um pequeno detalhe que me fizesse recordar a sua existência, cuja história tinha mais importância para mim do que os feitos heroicos do meu antepassado transmontano.

¹⁴ Foi-me dito por alguém, por distração (o meu pai nunca me disse nada), que ela havia desaparecido numa viagem. Nunca me foi explicado que espécie de viagem era essa. Se era de barco pelo mar, de avião, ou se tinha desaparecido por causa de fenómenos estranhos como o *rain-fila*, ou se um tremor de terra a engolira.

¹⁵ Havia um manto de silêncio em torno deste trágico acontecimento que deixou o meu pai viúvo e triste, enterrado numa cadeira de lona, entre cigarros, livros e conhaque, que o faziam sonhar com um certo paraíso inaugural que ficava lá para os lados de *tasi-balu*.

¹⁶ A chegada de uma pessoa, depois de ter feito uma longa viagem pelo mar, revestia-se de um simbolismo extraordinário para mim. Era como se fosse esperar a minha mãe. Nessa noite, não dormi quase nada. Na sala ao lado, o meu pai dormia como um anjo. Ressonava.